

## Sobre o sistema literário guineense

### About the guinean literary system

Erica Cristina Bispo<sup>1</sup>

**Resumo:** Este artigo visa a refletir sobre em que medida o conceito de sistema literário, desenvolvido por Antonio Candido se adéqua ou não à produção literária da Guiné-Bissau. A partir daí, intenta refletir as estratégias sociais e literárias de publicação e divulgação da literatura guineense, no intento de se materializar um sistema literário. Para tanto, utilizam-se as publicações literárias do país, bem como observam-se as reflexões de Anitta Martins Rodrigues Moraes e Costa Lima sobre o tema.

**Palavras-chave:** Literatura da Guiné-Bissau. Sistema Literário. Antonio Candido.

**Abstract:** This article aims to reflect on the extent to which the concept of a literary system, as developed by Antonio Candido, applies (or does not apply) to the literary production of Guinea-Bissau. Furthermore, it seeks to examine the social and literary strategies for publishing and disseminating Guinean literature in an attempt to materialize a literary system. To this end, the study draws on the country's literary publications, as well as the reflections of Anitta Martins Rodrigues Moraes and Costa Lima on the topic.

**Keywords:** Literature of Guinea-Bissau. Literary System. Antonio Candido.

---

1. Doutora em Letras Vernáculas, docente do Instituto Federal do Rio de Janeiro – Campus Pinheiral. E-mail: erica.bispo@ifrj.edu.br. [ORCID](#)

Submissão: 15 out. 2025 ↔ Aceite: 25 fev. 2026



*Comparadas às grandes, a nossa  
literatura é pobre e fraca. Mas é ela,  
não outra, que nos exprime.  
(Antonio Candido)<sup>2</sup>*

## Introdução

A Guiné-Bissau é um pequeno país localizado no sudoeste da África, que conquistou sua independência em 24 de setembro de 1973, libertando-se do domínio colonial português. Tendo se iniciado em 1446, a invasão e subsequente ocupação portuguesa redundou em violências, subjugo e opressão. Além disso, a Guiné-Bissau – à época chamada de Guiné Portuguesa – até 1879 era subordinada a Cabo Verde, sendo também considerada um posto militar avançado, não uma colônia, tampouco uma província. O país colonizador pouco investiu em educação, saúde ou saneamento básico, deixando a escolaridade inicial a cargo quase exclusivo das missões religiosas. Somente em 1879, houve a instalação do primeiro prelo no território e apenas em 1958 foi inaugurado o primeiro Liceu. Os primeiros jornais datam de 1920 e 1924, intitulados, respectivamente, *Ecoss da Guiné* e *Pró-Guiné*.

*A consequência de ordem prática da tardia imprensa, bem como da parca escolarização é uma análoga escassa produção literária escrita em português. Não à toa, Manuel Ferreira, em 1977, no livro Literaturas africanas de expressão portuguesa, acerca da literatura do país, é categórico em declarar que “[e]stamos perante o capítulo menos expressivo do espaço literário africano de expressão portuguesa” (Ferreira, 1977, p. 89). Fato é que, quando comparada com as produções literárias de Cabo Verde, Angola e Moçambique, conclui-se que a literatura da Guiné-Bissau é tardia, uma vez que os movimentos literários nacionais, como “Vamos descobrir Angola!”, revistas como *Mensagem ou Claridade*, jornais como *O Brado Africano*, não encontram um equivalente na Guiné-Bissau. Do mesmo modo, é também por tomar esse mesmo caminho falho que se declara que a Guiné-Bissau não possuiu um sistema literário próprio.*

Sobre isso, é importante lembrar das palavras de Ana Mafalda Leite que declara que “as diferentes nações africanas constroem há várias décadas o seu percurso literário próprio e diferenciado” (Leite, 2012, p. 25). Nesse sentido, nota-se que a Guiné-Bissau possui um caminho próprio, trilhado a partir de suas peculiaridades culturais e históricas. Reiteramos algo que já defendemos em outro texto:

---

2. Candido, 2000, p. 10.



*É patente para quem se debruça sobre as letras africanas em geral e as guineenses, especificamente, que se está diante de uma produção específica, dotada de uma carga cultural, histórica e identitária que destoa da estética ocidental. O substrato tradicional, as diferentes etnias que compõem hoje um país, as diversas línguas presentes no território e a ação colonial são exemplos de elementos colaboradores para a criação de um paradigma literário específico em África (Bispo, 2014, p. 81).*

Sendo assim, é nosso intento neste texto debater em que medida o constructo literário denominado sistema literário se faz presente no contexto da Guiné-Bissau. Para tanto, retomamos Antonio Candido e sua *Formação da literatura brasileira, a fim de tratar do tema. Antes de delimitar os três elementos que caracterizam o sistema literário, Candido afirma que*

*convém principiar distinguindo manifestações literárias, de literatura propriamente dita, considerada aqui um sistema de obras ligadas por denominadores comuns, que permitem reconhecer as notas dominantes de uma fase. Estes denominadores são, além das características internas (língua, temas, imagens), certos elementos de natureza social e psíquica, embora literariamente organizados, que se manifestam historicamente e fazem da literatura aspecto orgânico da civilização (Candido, 2000, p. 23).*

Ao redigir no singular palavras como “literatura”, “natureza social” e “civilização” pode-se supor que Antonio Candido parte do pressuposto de uma ideia eurocêntrica – não distinta do tempo de sua escrita – , segundo a qual só há um modelo civilizacional, que está atrelado a uma natureza social e da qual decorre uma literatura. Já nos colocamos em oposição a ideia de uma única possibilidade modelar para se pensar em literatura, anteriormente. Contudo, do pensamento de Candido explicitado acima extraímos a ideia de que a produção literária é consequência de um processo histórico, bem como é também um elemento orgânico da civilização – tomando aqui a palavra como sinônimo de sociedade.

A fim de não incorrerem em anacronismos, e, ainda assim, fomentar-mos um diálogo com o referido crítico literário, para este texto, partiremos do verbete “sistema literário”, de Anitta Martins Rodrigues Moraes, alocado no livro *Novas palavras da crítica (II), bem como da discussão empreendida pela pesquisadora, a partir da proposta de Antonio Candido.*

*Vale a pena começar o debate retomando as bases do conceito de Sistema literário:*



[o] autor [Candido] aponta os seguintes elementos decisivos: 1) conjunto de produtores mais ou menos conscientes de seu papel; 2) conjunto de receptores; 3) mecanismo transmissor (“de modo geral, uma linguagem traduzida em estilos”) [Candido, 1964, p. 25] (Moraes, 2023, p. 253).

Esses três elementos, sintetizados em obra-autor-público, simplificam o conceito, contudo não o define, tampouco consegue dar conta de todas as possibilidades literárias. Não à toa, Moraes ainda acrescenta o seguinte: “ocorre outro elemento decisivo: a forma de continuidade literária” (*idem, ibidem*). Ou seja, não bastam os três elementos mais conhecidos, é preciso também que haja uma persistência dessa produção. A fim de debater com Antonio Candido, Anita Moraes traz à discussão o pesquisador Costa Lima, afirmando o seguinte:

Costa Lima inicia o texto “concepção de história literária na Formação” (1991) sugerindo que “a atividade crítico-literária no século XX se enraíza em três eixos”. Seriam eles: 1) “a questão da especificidade literária”; 2) “a relação da linguagem literária com a sociedade”; 3) “a ideia de literatura nacional” (Moraes, 2023, p. 261).

Costa Lima, desta feita, abandona a ideia de uma possibilidade universal de sistema literário, a ideia de um modelo único e coloca em questão as peculiaridades de cada espaço. No caso da Guiné-Bissau, por exemplo, o fato de somente em 1958 o país receber um Liceu causa impactos relevantes para o desenvolvimento de uma literatura. Ao lado disso, há que se considerar o reduzido número de falantes de português, o que nos leva a perceber que limitar a produção literária na Guiné-Bissau ao que é escrito em português não representa plenamente a literatura do país. Ainda em diálogo com o que fora levantado por Costa Lima, há que se questionar “quando começa a Guiné-Bissau?”, “quais línguas são faladas no país?” e “o que se pode considerar literatura para a nação?” Dessa forma, conclui Moraes que:

Investigar como se organizam os produtores (escritores) e os receptores (público) das obras literárias, como eles circulam e em qual suporte, torna-se fundamental para reconhecermos a dimensão social da literatura (Moraes, 2023, p. 256).

Destarte, revisitaremos os itens elencados por Candido e transcritos no início deste texto, a fim de identificarmos (ou não) tais elementos na produção literária guineense. O objetivo aqui é investigar em que medida e como autor-obra-público se configuram na Guiné-Bissau.



## Autor, obra e público

1) Conjunto de produtores mais ou menos conscientes de seu papel: a antologia *Mantilhas para quem luta! A nova literatura da Guiné-Bissau, primeira antologia lançada no país, publicada em 1977, vem à luz por meio da União Nacional de Artistas e Escritores da República da Guiné-Bissau. Não só esta obra, mas outras antologias editadas em Bissau (como *Ecos do pranto*<sup>3</sup> ou *Antologia dos jovens escritores da Guiné-Bissau*<sup>4</sup>), bem como a *Coleção Kebur*<sup>5</sup> (da década de 1990) e a coleção *Corubal*<sup>6</sup> (dos anos 2010) reforçam aquilo que defendo, quanto à existência de um conjunto de produtores literários conscientes de seu papel. Sendo assim, observa-se que o primeiro item encontra materialidade concreta nesta literatura. Sobre esse tema, Anita Moraes afirma que “Candido chama a nossa atenção para sua dimensão coletiva: para além do estudo da obra em si mesma, importa considerar seu contexto de produção e recepção” (Moraes, 2023, p. 254). E completa:*

Quando os escritores se identificam como sendo um grupo específico, estabelecendo objetivos comuns, e quando visualizam um público, com contornos mais ou menos definidos, que surgirá uma produção literária articulada (Moraes, 2023, p. 256).

É notório, na Guiné-Bissau, que, apesar da dificuldade e das raríssimas publicações impressas anteriores à independência, o grupo de escritores se identifica como tal e se articula de forma organizada, inicialmente como Associação nacional e escritores da República da Guiné-Bissau, nos anos que se seguiram à independência e, mais recentemente, como Associação de Escritores da Guiné-Bissau (AEGUI).

2) Conjunto de receptores: neste ponto encontramos uma problemática, ocasionada pela condição de posto militar, ocupado pela então Guiné Portuguesa no período colonial, o que negou aspectos educacionais à população local, de modo que, até hoje, o país conta com 40% da população adulta analfabeta, mesmo 50 anos após a independência. Ainda atualmente, as missões religiosas cristãs são as principais instituições a oferecer educação formal no país. Entretanto, o desenho autor-obra-público, delineado

3. Publicação financiada pela Unesco, organizada por Tony Tcheka, em 1992, cuja temática versa sobre a infância.

4. Lançada em 1978.

5. A coleção *Kebur* foi organizada por Moema Parente Augel e conta com 7 obras literárias, sendo uma antologia com poemas em língua guineense e 6 livros de poesia autorais; além desses, há o oitavo da lavra da organizadora, intitulado *A nova literatura da Guiné-Bissau*. As publicações ocorreram entre 1996 e 1997 e foram financiadas pela União Europeia.

6. A coleção *Corubal* veio a público por meio de editora homônima, capitaneada pelo escritor Tony Tcheka. A coleção visava a lançar luz a jovens escritores guineenses e possibilitar-lhes a publicação em livro de suas obras.



por Antonio Candido, ao localizar a formação da literatura brasileira no Arcadismo, com a reunião de poetas que se liam e reliam, apontava para uma realidade brasileira em que a maioria da população também era analfabeta. Sendo assim, pode-se considerar que a alta taxa de analfabetismo não se configura como empecilho para a existência de um conjunto de receptores. Queremos pensar isso a partir da obra de José Carlos Schwarz (nascido em Bissau em 06 de dezembro de 1949, faleceu em Havana em 27 de maio de 1977). A produção do poeta se deu inteiramente em crioulo guineense (ou língua guineense) e foi veiculada, na maior parte do tempo, pelo rádio, pois o escritor era também músico. A antologia organizada por Livia Apa *et al.* traz a versão em português do poema “Do que chora a criança?”, de Schwarz, transcrito a seguir:

**Do que chora a criança?**

(José Carlos Schwarz)

Do que chora a criança?

É dor no seu corpo

Do que chora a criança?

É sangue que cansou de ver

Um pássaro grande chegou

Com ovos de fogo

O pássaro grande veio

Com os ovos da morte

Caçadores desconhecidos

Enganados metralharam a tabanca

Queimou-se o mato

Queimaram-se as casas

Pendurou a dor na nossa alma

(*Apud* Apa, 2003, p. 184)

No contexto da luta pela libertação, Schwarz denuncia o uso das bombas de Napalm (“ovos de fogo”, “ovos da morte”) que incendeiam a população rural (“Queimou-se o mato/ queimaram-se as casas”) e veicula o seu lamento por meio do instrumento que atinge o seu povo: a música. Desta feita, fica patente que a existência de um grupo de receptores não se limita à exígua população letrada do país.

Ainda a respeito da recepção da produção literária, vale mencionar o relato sempre recorrente da professora Moema Parente Augel. Na abertura do seu *Desafio do escombros*, a pesquisadora relata sua chegada à Guiné-Bissau, dizendo: “levei em minha bagagem a convicção de que não há povo sem



literatura” (Augel, 2007, p. 19). A surpresa por não encontrar livros não era reflexo da inexistência de uma literatura. Ao conhecer os poetas e lhes perguntar se já haviam publicado, a resposta era “li meu poema no rádio”, “foi feita uma performance com o meu poema em um evento público” (Augel, 2007, p. 20). Surge assim, por empenho da pesquisadora e financiamento da União Europeia, a coleção *Kebur*, que conta com 7 obras literárias, sendo duas em crioulo guineense, e um volume crítico intitulado *A nova literatura da Guiné-Bissau*, este de autoria de Moema Augel. Todas elas foram publicadas em Bissau, pelo INEP, entre 1996 e 1997.

3) Mecanismo transmissor: ao discutirmos o conjunto de receptores, focalizamos o público-alvo nacional, que se vale dos meios orais para conhecer a literatura guineense. Todavia, esses meios de transmissão ainda que presentes ainda hoje, têm exclusividade antes da publicação da coleção *Kebur*. Ainda nos anos 1990, foi criada a editora *Ku Si Mon*, de Fafali Koudawo, Teresa Montenegro e Abdulai Sila, a primeira editora privada do país. Nos anos 2010, a editora *Corubal* teve por mérito lançar uma série de jovens escritores guineenses publicando-os em livro. Outra editora que tem se dedicado às publicações guineenses, mais recentemente, é a *Nimba*, com sede em Portugal. Sendo assim, a despeito do desconhecimento que o público brasileiro tem da produção literária guineense, é fato que ela existe e funciona como um sistema, composto por obra-autor-público. Contudo, nota-se que as fronteiras nacionais não são os limites para os elementos listados por Candido, a fim de considerar tal sistema literário.

## Continuidade literária

Com o fito de debater o quanto entendemos que há um sistema consolidado na Guiné-Bissau, gostaríamos ainda de refletir sobre a continuação literária. Para tanto, pretendemos observar o diálogo entre alguns dos escritores mais conhecidos do país. E, como ponto de partida, tomaremos o poema “*Ventriloquismo*”, de Tony Tcheka<sup>7</sup>, transcrito a seguir:

### **Ventriloquismo** (Tony Tcheka)

Já não sei  
Se o poeta  
falou a verdade

---

7. Tony Tcheka é o pseudônimo literário de Antonio Soares Lopes Júnior, nascido em 21 de dezembro de 1951. Atua como jornalista e vive atualmente em Portugal.



Já não sei  
Se o amanhã  
É um canto  
Madrugando  
Nalgum canto  
Já não sei  
se o amanhã  
Desabrocha  
Em flor  
Se amor  
Encanto ou desengano

Manto de fantasia  
Esse amanhã  
Inebria a sua letra-arte  
Que o tempo  
Agora amolece  
Mas já não sei  
Confesso  
    Já não sei  
Quando amanhece  
Este amanhã  
(Tcheka, 1996, p. 93)

O poema “Ventriloquismo” compõe o primeiro livro de Tony Tcheka, apesar de sua reconhecida qualidade literária, é praticamente inacessível ao público brasileiro, uma vez que seus livros pouco circulam deste lado do Atlântico. A obra *Noite de insônia na terra adormecida* é dividida em cinco partes e uma delas intitula-se “Poesia brava”, da qual o poema destacado foi extraído.

É possível observar que o poema é constituído por uma estrutura que pode ser classificada como anafórica, diante da repetição do lamento “já não sei”. A queixa do sujeito lírico se dirige ao “poeta” que tem a veracidade de sua palavra questionada em relação à promessa de um amanhã. Suspeitamos que o poeta a que se refere Tony Tcheka seja Hélder Proença<sup>8</sup>, cujo livro intitulado *Não posso adiar a palavra*, apresenta como texto de abertura o poema que transcrevemos a seguir:

Quando te propus  
Um amanhecer diferente  
A terra ainda fervia em lavas  
E os homens ainda eram bestas ferozes

---

8. Helder Proença nasceu em Bolama, em 31 de dezembro de 1956, e foi morto assassinado em 05 de junho de 2009. Atuou como professor e político na Guiné-Bissau.



Quando te propus  
A conquista do futuro  
Vazias eram as mãos  
Negras como o breu o silêncio da resposta

Quando te propus  
O acumular de forças  
O sangue nómade e igual  
Coagulava em todos os cárceres  
Em toda a terra  
E em todos os homens

Quando te propus  
Um amanhecer diferente, amor  
A eternidade voraz das nossas dores  
Era igual a “Deus Pai todo-poderoso criador dos céus e da terra”

Quando te propus  
Olhos secos, pés na terra, e a convicção firme  
Surdos eram os céus e a terra  
Receptivos as balas e punhais  
As amaldiçoavam cada existência nossa.  
(*Apud* Apa, 2003, p. 187)

Hélder Proença foi professor do Liceu Tchico Té, ministro de governo e ficou conhecido na Guiné como poeta do PAIGC (Partido Africano pela Independência da Guiné e Cabo Verde). Era ele que declamava seus textos nos eventos do partido, no pós-independência. Proença foi assassinado em 2009, em uma sequência de homicídios de cunho político, na qual também foi morto o então presidente Nino Vieira. O poeta recebia em seu país grande espaço para veiculação de sua poesia. Relaciona-se a isso, provavelmente, a publicação do seu livro de poesias em 1982, em Portugal.

Ao leitor atento, salta aos olhos a expressão “olhos secos”, presente na última estrofe, usada outrora por Agostinho Neto<sup>9</sup>. Na mesma estância, a expressão “pés na terra” sinaliza para um dos princípios de Amílcar Cabral, líder-fundador do PAIGC, que defendia que era necessário partir da realidade da nossa terra para construir um país de paz, justiça e igualdade.

Como se observa na poesia de Tony Tcheka, nota-se em Proença a estrutura anafórica, uma marca deste e uma exceção naquele. O que nos leva a crer que “Ventriloquismo” se configura como uma provocação a Proença. As promessas reivindicadas por Tcheka são feitas por Proença

---

9. Referência ao poema “Criar”, de Agostinho Neto, no qual o poeta registra: “Criar criar/ criar no espírito criar no músculo criar no nervo/ criar no homem criar na massa/ criar/ criar com os olhos secos”.



acerca de um amanhã que não se sabe se amanhece. Para nós, o trecho “Manto de fantasia/ Esse amanhã/ Inebria a sua letra-arte” denuncia o uso político realizado por Proença de sua poesia, que insiste em prometer um “amanhã” que não se concretiza.

Tcheka, contudo, não alude apenas a Proença com “Ventriloquismo”, ele também se refere a Agnelo Regalla, poeta, jornalista e político do PAIGC, nascido em Tombali, a 9 de julho de 1952. Na terceira incidência da expressão “Já não sei”, Tcheka dialoga com o poema “Camarada Amílcar”, que abre a antologia *Mantenhás para quem luta!* Transcrevemos um trecho do poema na sequência:

**Camarada Amílcar**

(Agnelo Augusto Regalla)

No chão vermelho  
Do teu sangue, camarada,  
Caem como gotas de orvalho  
As lágrimas sinceras de dedicação  
As flores da nossa luta  
Que tu com carinho plantaste,  
Estão a desabrochar  
Em gargalhadas infantis.  
E descansa, camarada Amílcar,  
Descansa que não secarão  
Sempre serão regadas  
Como o nosso suor e sangue,  
Serão sempre alimentadas  
Pela força da nossa vontade.  
E serão, camarada Amílcar,  
Serão livres... livres...  
(Conselho Nacional de Cultura, 1977)

Agnelo Regalla se refere às “flores da luta”, expressão utilizada por Amílcar Cabral para se referir às crianças. Segundo Cabral, as dores necessárias para construir um país livre teriam como resultado, como flores, a oferta de uma vida mais digna às crianças, que não cresceriam como cidadãos de segunda classe por serem guineenses<sup>10</sup>. Ou seja, Tcheka duvida não só do “amanhã” prometido por Proença, mas também questiona o desabrochar das flores, que foram esquecidas, apesar da promessa presente no poema.

---

10. Vale lembrar que o Estatuto do Indigenato, válido no período em que a Guiné-Bissau foi colônia de Portugal, estabelecia a categoria de “assimilados”, como cidadãos adaptados ao modo de vida lusitano, contudo, tais pessoas ainda eram consideradas cidadãos de segunda classe, sem os mesmos direitos dos portugueses, a despeito do que era propalado pela empreitada colonialista.



A continuidade literária em torno da produção de Hélder Proença também encontra eco na ficção de Abdulai Sila. No romance *Mistida* (2002), *um professor (com letra minúscula)*<sup>11</sup> ficcionaliza o político. O terceiro romance de Sila é dividido em dez episódios. A cena que transcreveremos é parte do segundo capítulo/episódio, no qual uma série de prisioneiros cujos nomes são números em línguas nacionais dialogam entre si.

– Mas como é que ficou mudo? Foi uma doença que apanhou assim de repente? – interrompeu Kemesai, aproveitando a ligeira pausa que Kilin fizera para lubrificar os lábios.

– Foi por causa dos seus antigos alunos...

– Os seus alunos?

[...]

– Os seus antigos alunos foram procurá-lo um dia. Um dia muitos anos depois da independência [...] Disseram ao professor que queriam que lhes mostrasse onde estava o país que ele lhes tinha prometido... [...] Eles queriam ver a justiça, a camaradagem, a solidariedade... Queriam saber onde estava o patriotismo, o espírito de luta...

– Tudo isso?!

– Foi nesse dia que ele perdeu a voz.

(Sila, 2002, p. 351-352)

O professor ficcionalizado por Sila, mais do que uma provocação ao poeta, se configura como um questionamento ao político e professor Hélder Proença. O mutismo adquirido pelo professor diante da falta de resposta a seus alunos metaforiza o vazio que se tornara o discurso político, que não mais conseguia reverberar na Guiné-Bissau, uma vez que caíra em descrédito.

## Considerações finais

Para terminar, queremos pensar juntamente com Moema Parente Augel que defende o seguinte: “a literatura é que melhor registra as idiosincrasias culturais” (Augel, 2007). Desta feita, entendemos que a literatura guineense tem trilhado seu próprio caminho e se desdobrado sobre si mesma fazendo ecoar entre seus escritores aquilo que necessita dizer e ouvir para os seus e para os de fora. Nesse sentido, Odete Semedo, em *No fundo do canto* (2007), evoca obras e versos de outros escritores guineenses para o seu texto, ao afirmar:

---

11. Ênfase aqui o uso da letra minúscula porque no romance *A última tragédia* o ficcionista se vale do termo Professor, com letra maiúscula, para nomear um personagem.



**E fez um poema sem palavras**

(Odete Semedo)

[...]

Poemas

Para não adiar a palavra

Com ecos do pranto

Transformados em canto

E gargalhadas alegres

De mantilhas para crianças

Teimosamente crianças

... que desilusão:

Nem uma palavra aponte.

Era apenas um sonho.

(SEMEDO, 2007, p. 32)

É notório agora que Semedo faz menção explícita no poema a Hélder Proença, Tony Tcheka e Agnelo Regalla, além de buscar o título da antologia organizada por Tcheka com temática da criança e financiada pela Unesco.

A literatura da Guiné-Bissau certamente é pequena, mas é sistêmica. Além disso, tem se debruçado a reclamar da realidade e da distância das promessas realizadas ao longo da luta de independência. Não é por acaso que Pires Laranjeira declara que “a literatura nacional é o que a Nação quiser. A Guiné-Bissau tem muito chão a lavar. [...] Ela tem de mostrar as querelas, as quizilas e as resistências à padronização e falsa harmonia” (Laranjeira, 2020, p. 13). No mesmo sentido, Moema Augel afirma que “a incontornável e dolorosa história de opressão transparece pelo tecido literário guineense, interligando às práticas de resistência e à arquitetura do futuro” (Augel, 2007, p. 21).

Esperamos, neste texto, ter conseguido pensar novas formas de interpretar os princípios autor-obra-público, aplicando ao contexto literário da Guiné-Bissau. Constatamos, em nossa análise, que há outras formas de veiculação do texto literário, para além do livro impresso; de igual modo, tecemos considerações quanto ao entendimento do público, que é nacional e estrangeiro. Deseja-se que novos estudos sobre a Guiné-Bissau explorem a sua literatura, considerando-a um sistema literário que opera dentro do território e ganha ares peculiares, de modo que não só a política, mas a literatura siga aquilo que preconizava Amílcar Cabral ao defender que as iniciativas a serem implementadas na Guiné precisavam partir da realidade da terra e ser realista.



## Referências

- APA, Livia *et al.* (orgs). **Poesia africana de língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Lacerda, 2003.
- AUGEL, Moema Parente. **O desafio do escombros**. Rio de Janeiro: Garamond, 2007.
- BISPO, E. C. Trilhas e rumos das letras guineenses. **Signótica**, Goiânia, v. 26, n. 1, p. 81-104, 2014. DOI: 10.5216/sig.v26i1.29967. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/sig/article/view/29967>. Acesso em: 4 set. 2025.
- CANDIDO, Antonio. **Formação da Literatura Brasileira: Momentos decisivos**. 6. ed. Belo Horizonte: editora Itatiaia Ltda, 2000.
- CONSELHO Nacional de Cultura. **Mantenha para quem luta!** A nova poesia da Guiné-Bissau. (fac-símile) Bissau: União nacional de artistas e escritores da República da Guiné-Bissau, 1977.
- FERREIRA, Manuel. **Literaturas africanas de expressão portuguesa I**. Portugal: Instituto de Cultura Portuguesa, Biblioteca Breve, 1977.
- LEITE, Ana Mafalda. **Oralidades e Escritas Pós-Coloniais. Estudos Sobre Literaturas Africanas**. Rio de Janeiro: EdUERj, 2012.
- LARANJEIRA, Pires. Prefácio. *In*: TCHEKA, Tony. **Quando os cravos vermelhos cruzaram o Geba**. Editorial Novembro: Vila Nova de Famalicão, 2020.
- MORAES, Anita Martins Rodrigues. Verbetes "Sistema Literário". *In*: JOBIM, José Luis *et al.* (orgs). **Novas palavras da crítica (II)**. Rio de Janeiro: Edições Makunaíma, 2023, p. 253-276.
- SEMEDO, Odete. **No fundo do canto**. Belo Horizonte, Nandyala, 2007.
- SILA, Abdulai. **Mistida (trilogia)**. Praia: Instituto Camões, 2002.
- TCHEKA, Tony. **Noites de Insónia na terra adormecida**. Bissau: INEP, 2002.

